PRÓLOGO

Dezembro, 1987

Lá estava ela a resmonear outra vez.

O rapaz ouvia-a debaixo das cobertas na sua cama: um zumbido interminável, qual moscas a pulular sobre um corpo. O ruído de fundo e sussurrante da loucura.

Coitadinho, coitadinho do bebé, dizia ela. *Coitadinho, coitadinho do meu bebé.*

Ela repetia as palavras uma e outra vez enquanto os seus pés cirandavam pelo corredor, do lado de fora do quarto dele. As tábuas do chão rangiam consoante ela andava de um lado e para o outro, até que os seus passos cessaram abruptamente.

Ele encolheu-se mais para baixo, envolvendo as pernas com os braços, como se os cavaleiros Jedi no seu edredão com um padrão da *Guerra das Estrelas* o pudessem proteger.

Não podiam.

A porta abriu-se de rompante e sob a ombreira surgiu a silhueta da sua mãe, completamente vestida apesar da hora tardia da noite. Ela atravessou o quarto com passadas largas e abanou o seu corpo encolhido com uma mão trémula.

— Acorda! Temos de ir para o hospital.

O rapaz esforçou-se por não suspirar. Ela não gostava quando ele suspirava, nem quando ele olhava para ela de «maneira esquisita»,

nem quando a contestava. E mesmo que o fizesse, ela não dava importância ao que ele dizia.

Ela nem sequer *ouvia*.

— Estou acordado — balbuciou ele, embora o seu corpo estivesse desesperado por dormir.

Ele estava sempre com sono.

— Anda, veste-te — continuou ela, e ele tentou não olhar diretamente para a mãe enquanto ela se movia apressadamente pelo quarto, tirando peças de roupa aleatórias para ele vestir. Ele não queria ver os olhos dela, nem o que se escondia por detrás deles. Deviam estar sombrios outra vez, como já tinham estado antes, e olhariam diretamente através dele.

Do quarto ao lado, ouviu-se um gemido suave e a sua mãe saiu a correr, deixando-o a vestir umas calças de ganga e uma *T-shirt* desbotada dos *Power Rangers*. O relógio na mesa de cabeceira dizia-lhe que eram três e dezassete da manhã, numa alegre luz verde néon. Se lhe sobrasse energia, talvez se tivesse perguntado se as crianças que vira a brincar no quintal da casa do lado alguma vez adoeciam, como ele, ou se podiam ir à escola.

Ele lembrava-se de ter ido à escola, em tempos.

Lembrava-se de que tinha gostado.

Mas a sua mãe disse que agora ele estava demasiado doente para ir à escola, e que aprenderia muito mais em casa, onde ela poderia cuidar dele e do Christopher.

Ela não tinha culpa de, apesar de todos os seus cuidados, nenhum dos rapazes apresentar melhorias.

Certa vez, quando julgava que ele estava a dormir, a mãe foi sentar-se na beira da cama dele. Afagou-lhe o cabelo e disse-lhe que o amava. Por momentos, ele pensou que a mamã tinha voltado, mas depois ela aproximou a boca do ouvido dele e disse-lhe que a culpa era do pai, que os tinha deixado para estar com qualquer coisa chamada Putéfia Nojenta, e que tudo estaria bem se ele não se tivesse ido embora. Ele não percebeu o que ela quis dizer. A princípio, questionou-se se teria sido alguma espécie de monstro galáctico que tivesse desencaminhado o pai. Talvez, naquele preciso momento, ele estivesse preso num molde de bronze, como o Han Solo.

Ela chamou-o e o rapaz arrastou o seu corpo escanzelado para fora da cama. Não havia tempo para inventar histórias sobre o pai, nem para imaginar como viviam as outras crianças.

Nem como morriam.



No hospital, houve mais resmoneios.

Ele conseguia ouvi-los por trás da cortina turquesa em torno da sua cama de hospital. Sempre que alguém passava, o pano ondulava com a deslocação do ar e ele vislumbrava os médicos e as enfermeiras com expressões muito sérias reunidos a uma curta distância.

— Não vejo nenhuma razão médica… — ouviu um deles dizer antes de a cortina se voltar a fechar. — Isto tem de ser denunciado.

— Houve alguns casos — argumentou uma outra.

— Já houve uma que morreu, agora o mais novo em estado grave…

O rapaz ficou tenso ao reconhecer o rápido *toque, toque, toque* dos passos da mãe no pavimento de linóleo.

— Onde está o meu filho? Para onde é que o levaram? — exigiu ela saber com uma voz estridente. — Está ali dentro?

Ele viu os dedos dela segurar o rebordo da cortina e inconscientemente encolheu-se para trás, contra as almofadas, mas ela não a abriu.

Seguiu-se então uma breve altercação, levada a cabo num meio-tom profissional.

— Se acha que é mesmo… está bem. Sim, sim, ele pode passar cá a noite, desde que eu fique permanentemente junto dele. Mas, então e o Christopher?

As vozes desvaneceram-se ao longo do corredor enquanto se dirigiam para a Unidade de Cuidados Intermédios, onde jazia o seu irmão mais novo em lençóis ásperos de hospital, a lutar pela vida.



Quando o rapaz acordou na manhã seguinte, não estava só.

Três pessoas rodeavam a sua cama. Uma, reconheceu-a como sendo a médica que lhe dera um chupa-chupa às escondidas na noite anterior, que agora lhe dirigia um breve sorriso. Outra, era um homem de rosto

austero que envergava um fato escuro que lhe lembrava o seu pai, e, a outra, era uma mulher jovem com uma farda de polícia amarrotada e olhos castanhos tristes.

— Olá — cumprimentou a médica. — Como te sentes, campeão?

Havia um falso tom alegre na sua voz que o deixou nervoso.

— O-onde está a minha mãe?

Os três adultos trocaram um olhar incómodo.

— Daqui a pouco já vais ver a tua mãe — disse-lhe o homem. — Receio que ela tenha recebido más notícias. Ela e tu, também.

Num tom cuidadoso e neutro, explicaram-lhe que o seu irmão mais novo tinha morrido durante a noite e, a cada palavra proferida, o rosto do rapaz, pálido, branco que nem cal, tornava-se mais fechado.

Sabem, é que aquilo já tinha acontecido antes.

No ano passado, a sua irmã mais nova também tinha morrido, ainda antes de poder celebrar o seu primeiro aniversário.

Ele recordava-se da quantidade de cartões e de flores que chegaram à casa em que viviam nessa altura, do infindável vaivém de vizinhos que enchia a sala de estar da mãe para lhe transmitir os pêsames e ficar ao corrente de uns quantos mexericos acerca do seu infortúnio. Recordava-se do braço da mãe à volta dos seus ombros, nauseante e imóvel, qual faixa de aço.

— *Agora, já só tenho estes dois* — dissera ela, chorosa, puxando bem Christopher para o seu outro lado. — *Resta-me rezar a Deus para que não mos leve também*.

E, enquanto as pessoas de luto lamentavam, choramingavam e punham «uma coisinha» em envelopes para ajudar, ele observava os olhos da mãe e perguntava-se porque estaria ela tão feliz.

CAPÍTULO 1

Ballyfinny
Condado de Mayo, Irlanda
Trinta anos depois

— Papá, o que é um «*eejit*»?

Liam Kelly saiu da rotunda — onde o supramencionado *eejit*, que conduzia um Range Rover branco, o ultrapassou perigosamente —, e revirou os olhos. A sua filha de três anos estava a crescer de dia para dia e, pelos vistos, os seus ouvidos, também.

— É só uma palavra que usamos aqui na Irlanda para descrever uma pessoa que… hum, que faz coisas parvas.

Ela ficou a pensar naquilo.

— Papá, tu és um *eejit*?

Liam riu às gargalhadas e sorriu para o espelho retrovisor.

— Há quem diga que sim — admitiu, piscando-lhe o olho. — Já estamos quase a chegar a casa, meu docinho. Vamos contar à mamã que a tua aula de natação de hoje correu muito bem?

A sua filha abriu um grande sorriso e assentiu.

— Nadei como um peixe, não foi?

— Foi, sim, senhora. Já chegámos.

Levou uns minutos a soltar o cinto de segurança da cadeirinha da filha e a pegar nos sacos, mas, logo de seguida, Liam e a filha saltitavam

de mãos dadas pelo curto caminho de acesso que levava à porta da frente do seu bangalô, nos arredores da cidade. Situava-se num terreno mais elevado com vista para o lago e, embora tivessem feito um esforço para o comprar, sempre que olhava para a água cintilante lembrava-se da razão por que o haviam feito.

A porta da frente estava aberta e entraram para o *hall* de entrada provocando uma algazarra de passos.

— Já voltámos! — exclamou ele.

No entanto, não havia o mais pequeno murmúrio no ar e ele perguntou-se se a mulher estaria a fazer uma sesta. O primeiro trimestre era sempre cansativo.

— Se calhar, a mamã está a fazer uma soneca — disse ele, pondo um dedo sobre os lábios. — Vamos ser muito silenciosos como os ratinhos, está bem?

— Está bem — concordou, sussurrando bastante alto.

— Podes ir brincar para o teu quarto e eu já te levo um copo de leite — indicou ele, sorrindo ao vê-la andar em bicos de pés pelo corredor com um cuidado exagerado.

Quando a menina abriu a porta do seu quarto, de tons claros e rosados, não reparou logo na mãe, uma vez que esta estava deitada no meio dos bonecos de peluche, em cima da cama. Assim que reparou, deu uma risadinha lembrando-se da história da Caracóis Dourados.

— Estás na minha cama! — sussurrou ela.

Aproximou-se sorrateiramente da mãe, esperando que esta abrisse os olhos a qualquer momento.

Mas ela não os abriu.

A menina começou a sentir-se sonolenta devido ao esforço físico realizado na piscina, e decidiu enroscar-se ao lado da mãe. Trepou para cima da cama e, ao roçar com as suas mãos na pele fria da mãe, tapou-as a ambas com a sua manta arco-íris.

— Assim está melhor — murmurou ela enquanto as suas pálpebras se fechavam.

Quando, pouco depois, Liam as encontrou ali, o copo caiu-lhe da mão sem forças e estilhaçou-se no chão, a seus pés. Havia um zumbido nos seus ouvidos, o pulsar do sangue à medida que o seu corpo se

obrigava a manter-se direito. Queria gritar, berrar — rejeitar a verdade daquilo que, de forma evidente, estava diante de si.

Mas tinha de pensar na filha.

— V-vem cá, querida — conseguiu ele dizer, justamente quando as lágrimas lhe começavam a cair. — Vamos… vamos deixar a mamã dormir.

CAPÍTULO 2

Sul de Londres
Um mês depois

O doutor Alexander Gregory sentou-se num dos cadeirões dispostos em torno de uma mesa de apoio, no seu gabinete, depois acenou com a cabeça para o enfermeiro gestor de caso que permanecia à porta, hesitante.

— Eu trato do assunto a partir de agora, Pete.

O homem lançou um breve olhar à outra ocupante do gabinete e em seguida saiu, posicionando-se a uma curta distância, não fosse a sua ajuda ser necessária.

Depois de a porta se fechar, Gregory voltou a sua atenção para a mulher sentada à sua frente. Cathy Jones tinha sessenta e poucos anos, mas aparentava ser bastante mais nova, como se as preocupações da vida não a tivessem afetado sobremaneira. Usava o cabelo pintado e um corte da moda feito por um cabeleireiro que ia ao hospital de tantas em tantas semanas. Envergava calças de ganga e uma camisola de lã bege, mas nada de bijuteria — assim ditavam as regras. Tinha as unhas pintadas num ousado tom de roxo e esmerara-se com a maquilhagem, que estava impecável. Para todos os efeitos, ela poderia ter sido uma das mulheres de meia-idade, elegantes, que ele via a bebericar *rosé* num bar de vinhos da cidade, molhando as suas *focaccias* em pequenas taças

de azeite e vinagre balsâmico enquanto tagarelava com as amigas acerca do último episódio do *Dança Com as Estrelas*.

Isto é, se ela não tivesse passado grande parte dos últimos trinta anos detida ao abrigo da Lei da Saúde Mental.

— É bom voltar a vê-la, Cathy. Que tal foi a sua semana?

Todas as quintas-feiras à tarde, executavam uma dança semelhante, em que ele fazia uma série de perguntas afáveis e de cariz social para a deixar à vontade antes de arriscar mergulhar nas questões mais profundas, de acordo com o plano de cuidados dela. Embora, geralmente, fosse otimista por natureza, Gregory não tinha grandes esperanças de que, após tanto tempo no sistema, a estratégia mais recente de sessões individuais e de grupo, de arte e de musicoterapia, aproximasse de todo aquela mulher de uma reinserção na sociedade normal — mas tinha de tentar.

Cathy inclinou-se subitamente para a frente, os seus olhos implorando para que ele a ouvisse.

— Queria falar consigo, doutor — começou ela com urgência na voz. — É sobre a próxima reunião de reavaliação.

— O seu plano de cuidados foi reavaliado recentemente — disse ele num tom invariável. — Não se recorda?

Houve um indício de frustração, rapidamente encoberto.

— A equipa médica cometeu um erro — declarou ela.

— Ah, sim? E que erro foi esse?

Gregory cruzou levemente uma perna sobre a outra e pegou no seu bloco de notas, pronto para anotar a mais recente teoria que ela teria engendrado para explicar a razão de ali estar. Em trinta anos como doente em quatro hospitais de alta segurança diferentes, sob os cuidados de vários profissionais de saúde, Cathy nunca tinha aceitado o diagnóstico da sua doença.

Consequentemente, não mostrara, também, um pingo de remorso pelos seus crimes.

— Bem, é que no outro dia estive a ler sobre aquela mãe, coitadinha, *coitadinha*, cujo bebé morreu. Sabe qual é?

Gregory sabia. O trágico caso de síndrome de morte súbita infantil fora amplamente divulgado na imprensa, contudo, ele não fazia tenções

de satisfazer os desejos daquela mulher por histórias sensacionalistas de mortes de crianças.

— Enfim, quando me puseram *aqui*, há não sei quantos anos, os médicos não sabiam tanto sobre a morte súbita de bebés. Não tanto quanto sabem agora. Se soubessem, as coisas poderiam ter sido diferentes…

Gregory levantou o olhar do bloco de notas, relutante em alentar as fantasias que alimentavam a doença dela.

— Lembra-se da razão dada pela patologista para as mortes da sua filha Emily, e do seu filho Christopher? Nenhum deles morreu na sequência da síndrome de morte súbita infantil, como julgo que sabe bastante bem.

O gabinete ficou em silêncio e ela fitava-o com um ódio crescente, que ele diligentemente ignorou. Algures por trás da janela de vidro reforçado, ouviram o apito longínquo de um portão de segurança a abrir.

— Isso foi tudo para encobrir — acabou ela por dizer. — Os médicos são todos iguais. Encobrem-se sempre uns aos outros. Os meus filhos estavam *doentes*, e nenhum daqueles charlatães sabia o que fazer…

Gregory ponderou acerca da utilidade de ir buscar os relatórios patológicos realizados em 1987, após os homicídios de um rapaz de dois anos e de uma rapariga de nove meses.

Hoje, não.

— Vou recorrer da decisão do tribunal — declarou ela, apesar de cada uma das suas tentativas prévias ter fracassado. — Sabe qual é o seu problema, doutor? Passou tanto tempo a trabalhar com gente doidinha da cabeça, que não é capaz de perceber quando está na presença de uma pessoa sã.

Ela também já tentara aquilo antes. Era como que um passatempo preferido para dela: tentar vencer o médico no seu próprio jogo. Um sintoma clássico da doença de Munchausen era o facto de o doente desenvolver um interesse obsessivo pelo mundo da medicina e a sua terminologia. Normalmente, para encontrar a melhor maneira de disfarçar o facto de estar a matar lenta, mas seguramente, os seus próprios filhos.

— Como é que se sentiu quando o seu marido a deixou, Cathy?

Gregory cortou pela raiz qualquer tirada subsequente e ela ficou momentaneamente desarmada. Depois, deu uma gargalhada desagradável.

— Voltamos à vaca-fria, é isso?

Uma vez que ele não respondeu, ela passou uma mão agitada pelo cabelo.

— Como é que qualquer mulher se sentiria? — disse ela de rompante. — Ele deixou-me com três filhos por uma *rameira* com um cérebro do tamanho de uma ervilha. Ainda bem que me livrei dele.

Mas o seu dedo indicador começou a bater na lateral da cadeira.

Toque, toque, toque.

Toque, toque, toque.

— Cathy, quando é que o divórcio ficou concluído?

— Está tudo aí na porcaria do processo, não está? — atirou-lhe ela. — Para quê dar-se ao trabalho de me perguntar?

— Tenho interesse em perceber se se recorda.

— Algures em 1985 — balbuciou ela. — Janeiro, fevereiro… A Emily ainda só tinha dois ou três meses. O cabrão andou naquilo durante toda a minha gravidez.

— Isso deve ter sido muito difícil. Porque é que não me fala disso?

Os olhos dela vaguearam pelo gabinete e toda a sua anterior compostura se evaporou.

— Não há nada para falar. Ele pirou-se para Genebra e foi viver para uma merda de uma mansão com a sua Barbie, e eu fiquei a criar-lhe os filhos. Quando a Emily foi de urgência para o hospital, ele quase nem telefonou. Quando *qualquer um deles* foi para o hospital.

— Acha que a… *doença* deles teria apresentado melhorias, se ele tivesse telefonado?

Ela lançou-lhe um olhar malicioso.

— Que diferença faria? Eles sofriam de doenças muito raras, fora do nosso controlo.

Os lábios de Gregory comprimiram-se, mas voltou a tentar:

— Será que parte de si tinha esperança de que as notícias da «doença» deles pudesse impelir o seu marido a voltar para a casa, para a família?

— Nunca pensei nisso — respondeu ela. — Todos os meus pensamentos e preces eram dedicados a tentar salvar os meus filhos.

Ele olhou para cima, para o grande relógio branco de plástico pendurado na parede, sobre a cabeça dela.

Aquela seria uma manhã comprida.



Uma hora depois de ter terminado a sua sessão com Cathy, Gregory acabava de passar as suas notas para o computador quando começou a tocar uma sirene ruidosa.

Abriu a porta do gabinete e correu para o corredor, onde o alarme de emergência se ouvia ainda mais alto, ecoando pelas paredes numa cacofonia. Olhou rapidamente em ambas as direções e avistou uma luz vermelha a piscar por cima da porta de um dos quartos dos doentes. Correu nessa direção, vagamente ciente dos passos que se seguiam aos seus, enquanto as outras pessoas reagiam ao que as esperava para lá da luz vermelha berrante.

As solas dos seus sapatos derraparam no chão no instante em que alcançou a porta aberta, onde se deparou com uma das enfermeiras da ala envolvida numa batalha mental com uma doente que fabricara uma faca rudimentar a partir de um fragmento de metal afiado, e que a segurava agora contra o seu próprio pescoço.

Gregory carregou no alarme e, momentos depois, a algazarra cessou. No silêncio que se seguiu, respirou fundo e recorreu à sua formação.

— Importa-se que eu entre? — perguntou ele, estendendo as mãos, de palmas bem esticadas, no sinal universal de paz.

Trocou um olhar com a enfermeira, que estava a lidar bem com a situação. Nunca se pautara por hierarquias da velha-guarda no interior de um hospital: os médicos não estavam mais bem preparados para lidar com aquele tipo de situações do que uma enfermeira com experiência em saúde mental — de facto, era frequente suceder o inverso. A vida no Hospital Psiquiátrico de Alta Segurança de Southmoor seguia uma rotina rigorosa por razões óbvias. Dependendo do seu nível de risco, os doentes eram examinados pelo menos de quinze em quinze minutos para tentar prevenir tentativas de suicídio, mesmo aqueles que não tinham mostrado tendência alguma para tal anteriormente, ou que tinham sido previamente considerados de «baixo risco».

Especialmente esses.

Havia poucas certezas na área da saúde mental, mas a incerteza era uma delas.

— Hannah, gostaria que baixasse a arma — enunciou ele, calmamente. — É quase hora de almoço, e é quinta-feira. Sabe o que isso quer dizer.

Tal como esperava, ela levantou o olhar, afrouxando momentaneamente a força com que agarrava na faca.

— Dia de torta com recheio de compota — disse ele a sorrir. Era uma das sobremesas preferidas de ambos e, em momentos de crise, ele tinha de encontrar pontos comuns.

Tudo o que fosse preciso para a manter com vida.

— Desculpe, doutor — murmurou ela, e espetou a faca no seu próprio pescoço.



Foi uma longa caminhada até ao seu gabinete, porém, quando Gregory regressou, algum tempo depois, percebeu que não estava sozinho. Um homem de cerca de cinquenta anos estava sentado à sua secretária, rodopiando indolentemente na cadeira enquanto folheava a edição mais recente da revista *Psychology Today*. Usava uma camisola de lã com borbotos sobre um par de calças de bombazina antigas, e trazia consigo o odor subtil de rebuçados Murray Mints.

— Estás perdido?

O homem levantou o olhar da revista e abriu um enorme sorriso que se extinguiu rapidamente ao detetar manchas de sangue nas mangas da camisa de Gregory. Levantou-se da cadeira e contornou a secretária para cumprimentar de braços abertos o seu protegido.

— Nem todos os que vagueiam estão perdidos, meu rapaz.

Gregory foi envolvido numa espécie de abraço de urso, ao qual retribuiu antes de se afastar para desabotoar a camisa que se colava à sua pele e que tinha o mais breve e leve odor a sangue seco.

— Que é que aconteceu, Alex?

— Tentativa de suicídio por uma das doentes do costume — respondeu ele. — Conseguiu.

Esqueceu-se de referir as suas próprias ações para a manter com vida, assim como os vinte minutos que passou a reanimá-la consoante o sangue da mulher lhe jorrava para fora do corpo, depositando-se no dele.

Eram ossos do ofício e ninguém o sabia melhor do que o homem que tinha diante de si.

O professor William Douglas era um decano incontestado no mundo da psicologia académica e clínica. Graças aos seus muitos anos de experiência a lidar com assuntos da mente, era uma autoridade de referência em psicologia forense e em psicopatologia. Fora o consultor sénior em psiquiatria quando Gregory começara a sua formação clínica em Southmoor, há mais de dez anos, e desde então permanecera um bom amigo e mentor.

Atualmente, passava grande parte do seu tempo a fazer investigação, tendo-se dedicado a uma bolsa de estudos na Universidade de Cambridge, a umas breves três horas de carro.

— Que te traz por cá, Bill? Não combinámos jantar na próxima semana?

Douglas encostou-se atrás, ao rebordo da secretária, e observou o amigo a vasculhar um dos armários à procura de uma camisa lavada.

— Ontem, recebi um telefonema — respondeu ele. — Da presidente da câmara de uma cidadezinha chamada Ballyfinny, no condado de Mayo.

— Na Irlanda? — perguntou Gregory enquanto despia a camisa ensanguentada.

Douglas assentiu.

— Tiveram uns problemas e a presidente da câmara quer que alguém vá até lá para dar uma ajuda à Garda[1], para lhes dar alguma orientação. Eu não posso ir: estou preso na universidade. Mas dei o teu nome…

Gregory limitou-se a negar com a cabeça.

— Traçar o perfil picológico? Já passámos por isto, Bill. Montámos um departamento especial, com fotocopiadoras e tudo, e aquilo correu tudo mal para o nosso lado.

[1] Garda é a força policial irlandesa (*Garda Síochána*). (*N. da T.*)

Referia-se a uma situação que ocorrera havia três anos, em que concordara trabalhar juntamente com o seu amigo para fornecer perfis científicos de autores de crimes violentos às forças policiais que solicitavam a sua ajuda. Concentraram-se em casos em que existiam poucas pistas forenses ou demasiados suspeitos para a polícia conseguir gerir com os recursos limitados de que dispunha. A ideia era proporcionar à polícia uma maneira de restringir a sua busca, contudo, num caso inesquecível, ajudou a meter um homem inocente na prisão. Enquanto a polícia despendia tempo e energia a processar o falso criminoso, o verdadeiro assassino de trabalhadores do sexo continuava livre para voltar a matar.

E, quando o caso deu para o torto, a sua pequena unidade de psicologia criminal fora o bode expiatório perfeito para o olhar condenatório do público.

— Aqueles perfis psicológicos não eram os definitivos — refutou Douglas. — Sabes disso tão bem quanto eu. Nunca dissemos que tínhamos varinhas mágicas, nem que éramos videntes. Os perfis psicológicos foram criados para dar à polícia o benefício da nossa experiência no que respeitava lidar com homens e mulheres que poderiam ter cometido crimes idênticos. Há traços comuns que podem ajudar a esclarecer as investigações…

— Não tens de me convencer — interrompeu-o Gregory. — Eu lembro-me do trabalho que realizámos e sei que houve mais não sei quantas centenas de vezes em que ajudámos a salvar vidas. Ainda assim, isso não muda a situação em que nos encontramos agora.

Bill Douglas passou uma mão pela barba curta no queixo, e depois decidiu experimentar uma tática diferente:

— Antes que digas «não», deixa-me ao menos dizer-te qual é o caso.

Gregory ergueu uma sobrancelha.

— Tenho o pressentimento de que me vais dizer de qualquer maneira.

— Há mais ou menos um mês, um pai e a filha chegaram a casa num sábado de manhã, depois da aula de natação, e encontraram a mãe morta. A menina foi a primeira a encontrá-la, porque quem quer que tenha matado a Claire Kelly depositou-a na cama da criança, com um urso de peluche debaixo de um braço e um livro infantil aberto na mão.

Gregory enfiou as mãos nos bolsos e circundou a secretária para olhar pela janela para o relvado que conduzia à vedação do recinto. Que espécie de mente deturpada iria compor tal cena para ser depois encontrada por uma criança pequena?

— Está bem, pronto — murmurou ele. — Tens a minha atenção.

— Não têm pistas forenses, nem testemunhas… nada no passado da mulher, nada de amantes ressentidos nem ex-namorados zangados. O marido tem um álibi irrepreensível e, mesmo que não tivesse, a cidade inteira atestaria quanto ao seu caráter. A vítima era um pilar da comunidade e a polícia está a ficar sem ideias… e por isso, contactaram-nos, Alex.

— Contactaram-te a *ti* — replica o amigo.

— É a mesma coisa — disse Douglas com um encolher de ombros. — Não tenho pudor em dizer que o meu trabalho está feito. Não há muito mais que eu te possa ensinar acerca da mente humana, e sabes que tens sempre a porta aberta se te quiseres juntar a mim na universidade.

Gregory abanou levemente a cabeça e virou-se para o encarar.

— Ainda há uma enorme quantidade de coisas que me podes ensinar, e ainda mal começámos a perceber o que existe por aí no mundo, por descobrir.

— Talvez haja alguma coisa a aprender com quem quer que tenha matado aquela mulher na Irlanda. — Douglas esboçou-lhe um sorriso cúmplice. — Podes apanhar um voo amanhã e estar lá à hora do almoço.

Gregory soltou uma gargalhada.

— Se não consegues convencer o homem, convence o médico, é isso?

Douglas estava irredutível.

— Funcionou?

Alex pensou numa menina que tinha perdido a mãe, e na espécie de mente distorcida responsável por tal. O médico dentro de si queria prevenir, assim como curar, e o homem…

O homem só queria ajudar, fosse de que maneira fosse.

— Funcionou — respondeu ele, suavemente.